A Libélula e a Formiga

A Libélula Saltitante
Cantou o verão vermelho;
Não teve tempo de olhar para trás,
E o inverno já lhe vem aos olhos.
O campo limpo ficou sem vida;
Já não há mais aqueles dias claros,
Quando, sob cada folha,
Tinha pronta a mesa e a casa.
Tudo passou: com o inverno frio
Chegam a necessidade e a fome;
A libélula já não canta:
E a quem lhe ocorreria
Cantar com o estômago vazio!
Oprimida por uma mágoa cruel,
Rasteja até à Formiga:
"Não me deixes, compadre querido!
Deixa-me recuperar as forças
E, até aos dias da primavera,
Dá-me de comer e aquece-me!"
"Comadre, isso espanta-me:
Mas trabalhaste tu no verão?"
Diz-lhe a Formiga.
"Estava para isso, meu bem?
Nas nossas macias relvas
Canções, folguedos a toda a hora,
De tal modo que a cabeça deu voltas."
"Ah, então tu..." — "Eu, sem juízo,
Cantei o verão inteiro."
"Tu cantaste sempre? É caso feito:
Então vai lá, dançar!"